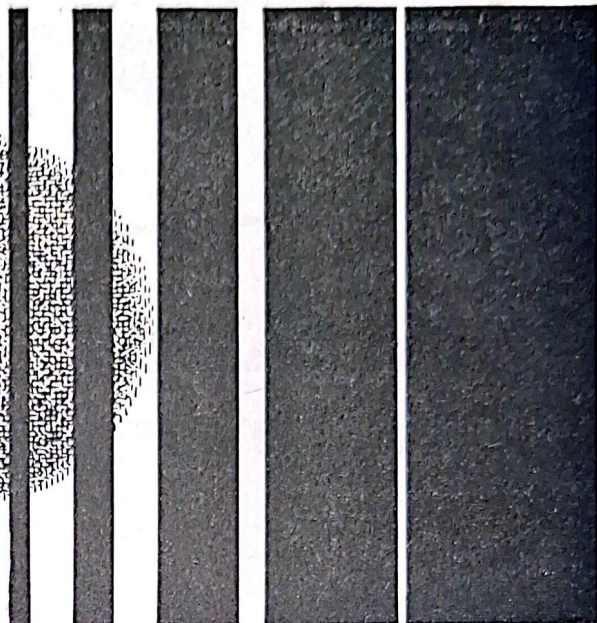
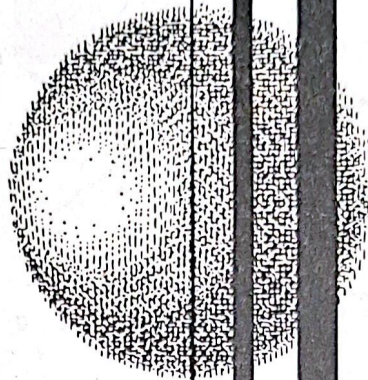
observador da verdade

à lei
e ao testemunho
is 8:20

out. - dez. - 1965

Conferências Distritais em Cedro, SP.

Nossa igreja de Cedro têve uma alegre festa espiritual em dezembro, com a realização de mais uma conferência distrital.

Irmãos de diversos lugares lá estiveram, emprestando maior animação às reuniões e outros atos solenes.

No clichê ao lado temos 3 flagrantes dessas conferências:

Em primeiro plano a preleção batismal proferida pelo irmão A. Balbach, no local do batismo; ao centro os batizados e, abaixo, parte dos irmãos que estiveram presentes em Cedro. (Pg. 6)

escrevem-nos...

Observador da Verdade

Revista Trimestral

Boletim oficial da União Missionária dos A. S. D. - Movimento de Reforma - no Brasil, com sede à Rua Tobias Barreto, 809 — São Paulo — Brasil

ANO XXV, N.º 4, Out. — Dez. — 1965 —

Diretor: **André Lavrik**
Redator responsável:
Ascendino F. Braga

Escritório: Rua Tobias Barreto, 809
Tel. 93-6452, S. Paulo

Redação, Administração e Oficinas:
Rua Amaro B. Cavalcanti, 21, Vila Matilde, S. Paulo

Correspondência à
Editôra Missionária "A Verdade Presente", Caixa Postal 10 007 — S. Paulo —

RIO DE JANEIRO, GB.

Senhores responsáveis pela
Editôra Missionária "A Verdade Presente"

Moro no Rio, bairro do Andaraí. Recebi em minha porta um folheto que me foi dado por um irmão muito simples e humilde, o qual me trouxe muita alegria. Encontrei neste folheto que tem o título "Necessário Vos É Nascer de Nôvo", tudo aquilo que é necessário para evangelização.

Senhores, eu com a ajuda de Deus, faço um humilde trabalho em um grande hospital aqui no Rio — Hospital dos Marítimos. Faço visitas duas vêzes por mês. É um campo muito extenso e tenho recebido incentivo dos próprios médicos para continuar fazendo êste trabalho que há dois anos venho realizando. Até aqui tenho lutado para realizar êste trabalho por falta de folhetos para evangelização. Agradeço de todo meu coração o que os senhores puderem fazer por mim nesse sentido.

N. S.

JABOTICABAL, SP.

Diretores de "A Verdade Presente"

Abraços a Vv. Ss. pelo belíssimo trabalho em prol das boas leituras para o povo do Brasil.

Peço aos senhores se possível, enviarem revistas e outras publicações para esta emissora, as quais serão utilisadas por mim em meus diversos programas. Apresento vários com notícias, conselhos, informações úteis e outros pormenores, sempre com grande audiência.

Agradeço aos bons amigos e aqui estarei sempre às ordens.

F. B.

AMARANTE, PI.

Ilmos. Srs.

Sendo admirador das publicações de Vv. Ss. e vendo numa revista dessa Editôra um cupom no qual oferecia gratuitamente leituras sôbre a vida eterna, resolvi fazer-lhes êste pedido.

J. M. S. F.

SUMÁRIO

PENSAMENTO

A causa má torna-se pior quando se pretende defendê-la — Ovídio.

A Revelação de Deus

E. G. White

"Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo". (II Co 4:6).

Antes da queda, nem uma nuvem repousava sôbre as mentes de nossos primeiros pais para obscurecer a clara percepção que tinham do caráter de Deus. Estavam em perfeita harmonia com a vontade divina, pois uma cobertura, uma bela luz, a luz de Deus, os envolvia. O Senhor visitava o santo par e instruía-os através das obras de Suas mãos. A Natureza era seu compêndio. No jardim do Éden, a existência de Deus era demonstrada nos objetos da Natureza que os rodeava. Tôdas as árvores do jardim lhes falavam. As coisas invisíveis de Deus, mesmo Seu eterno poder e Sua divindade, viam-se claramente e se entendiam pelas coisas que estavam criadas.

Se bem que seja verdade que Deus podia assim ser discernido na Natureza, isso não favorece a afirmação de que, depois da queda, um perfeito conhecimento de Deus foi revelado, no mundo natural, a Adão e à sua posteridade. A Natureza podia transmitir suas lições ao homem em sua inocência, mas a transgressão teve efeito ruinoso sôbre a Natureza e interveio entre a Natureza e o Deus da Natureza. Se Adão e Eva nunca tivessem desobedecido a seu Criador, se tivessem permanecido na vereda da perfeita retidão, poderiam ter conhecido e compreendido a Deus. Mas quando deram ouvidos à voz do tentador, e pecaram contra Deus, a luz das vestes da inocência celestial se retirou dêles e, tendo perdido o induto de inocência, atraíram sôbre si as negras vestes da ignorância com respeito a Deus. A clara e perfeita luz que até então os rodeara, havia iluminado tôdas as coisas de que se aproximavam, mas, privada dessa luz celestial, a posteridade de Adão não mais pôde divisar o caráter de Deus nas Suas obras criadas.

As coisas da Natureza, para as quais olhamos hoje, dão-nos apenas uma fraca concepção da beleza e glória do Éden; contudo, o mundo natural, com sua voz inconfundível, proclama a glória de Deus. Nas coisas da Natureza, arruinadas como estão pela influência maligna do pecado, grande parte do que é belo permanece. Um Ser onipotente, e grande em bondade, em misericórdia e em amor, criou a Terra, que, mesmo em seu estado arruinado, apresenta verdades a respeito do hábil Mestre e Artista. Nesse livro da Natureza, a nós aberto, nas belas e cintilantes flôres, com seu colorido variado e delicado, Deus nos dá uma expressão inconfundível de Seu amor. Depois da transgressão de Adão, Deus poderia ter destruído todo botão aberto e tôda flor viçosa, ou poderia ter tirado sua fragrância, tão agradável aos sentidos. Na Terra, murcha e arruinada pela maldição, nas sarças,

nos cardos, nos espinhos, nas pragas, podemos ler a lei da condenação; mas nas delicadas côres e perfume das flôres, podemos ver que Deus ainda nos ama e que Sua misericórdia não está inteiramente retirada da Terra.

A Natureza está cheia de lições espirituais para a humanidade. As flôres morrem ùnicamente para brotar em nova vida; e, nisso, é-nos ensinada a lição da ressurreição. Todos os que amam a Deus florescerão novamente no Éden celestial. Mas a Natureza não pode ensinar a lição do grande e maravilhoso amor de Deus. Portanto, depois da queda, a Natureza não foi o único professor do homem. A fim de que o mundo não permanecesse em trevas, em eterna noite espiritual, o Deus da Natureza aproximou-se de nós em Jesus Cristo. O Filho de Deus veio ao mundo como revelação do Pai. Êle era "a luz verdadeira, que alumia a todo o homem que vem ao mundo". (Jo 1:9). Devemos ver a "iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo". (II Co 4:6).

Na pessoa de Seu Filho Unigênito, o Deus do Céu condescendeu em humilhar-se assumindo nossa natureza humana. À pergunta de Tomé, disse Jesus: "Eu sou o caminho, e a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim. Se vós me conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai; e já desde agora o conheceis, e o tendes visto. Disse-lhe Filipe: Senhor, mostra-nos o Pai, o que nos basta. Disse-lhe Jesus: Estou há tanto tempo convosco, e não me tendes conhecido, Filipe? quem me vê a mim vê o Pai; e como dizes tu: Mostra-nos o Pai? Não crês tu que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras. Crede-me que estou no Pai, e o Pai em mim; crede-me, ao menos, por causa das mesmas obras". (Jo 14:6-11).

A mais difícil e humilhante lição que o homem deve aprender é a de sua própria ineficiência em depender da sabedoria humana e a de sua impossibilidade certa de, por seus próprios esforços, ler a Natureza corretamente. O pecado obscureceu sua visão, e, por si mesmo, o homem não pode interpretar a Natureza sem colocá-la acima de Deus. Não pode discernir nela Deus ou a Jesus Cristo, a Quem Êle enviou. Está na mesma posição em que se achavam os atenienses, que haviam erigido seus altares para a adoração da Natureza. De pé no meio da colina de Marte, Paulo apresentou perante o povo de Atenas a majestade do Deus vivo, em contraste com a adoração idólatra dêles.

"Varões atenienses", disse êle: "em tudo vos vejo um tanto supersticiosos; porque, passando eu e vendo os vossos santuários, achei também um altar em que estava escrito: AO DEUS DESCONHECIDO. Êsse pois que vós honrais, não O conhecendo, é o que eu vos anuncio. O Deus que fêz o mundo e tudo que nêle há, sendo Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos de homens; nem tão pouco é servido por mãos de homens, como que necessitando de alguma coisa; pois êle mesmo é quem dá a todos a vida, e a respiração, e tôdas as coisas; e de um só fêz tôda a geração dos homens, para habitar sôbre tôda a face da terra, determinando os tempos já dantes ordenados, e os limites da sua habitação; para que buscassem ao Senhor, se porventura, tateando, o pudessem achar; ainda que não está longe de cada um de nós; porque nêle vivemos, e nos movemos, e existimos; como também alguns dos vossos poetas disseram: Pois somos também sua geração. Sendo nós pois geração de Deus, não havemos de cuidar que a divindade seja semelhante ao ouro, ou à prata, ou à pedra esculpida por artifício e imaginação dos homens". (At 17:22-29).

A Natureza não é Deus

Aquêles que têm um verdadeiro conhecimento de Deus não se tornarão en-

fatuados com as leis da matéria ou com as operações da Natureza, a ponto de perderem de vista, ou recusarem reconhecer, a contínua operação de Deus na Natureza. A Natureza não é, nunca foi, e jamais será Deus. A voz da Natureza testifica de Deus, mas a Natureza não é Deus. Como Sua obra criada, ela simplesmente dá testemunho do poder de Deus. A Divindade é o autor da Natureza. O mundo natural não tem, em si mesmo, nenhum poder, senão o que Deus lhe fornece. Há um Deus pessoal, o Pai; há um Cristo pessoal, o Filho. E "havendo Deus antigamente falado muitas vêzes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fêz também o mundo, o qual, sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa, e sustentando tôdas as coisas pela palavra do seu poder, havendo feito por si mesmo a purificação dos nossos pecados, assentou-se à dextra da majestade nas alturas". (Hb 1:1-3).

O salmista diz: "Os céus manifestam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos. Um dia faz declaração a outro dia, e uma noite mostra sabedoria a outra noite. Sem linguagem, sem fala, ouvem-se as suas vozes". (Sl 19:1-3). Alguns poderão supor que essas grandes coisas no mundo natural são Deus. Elas não são Deus. Tôdas essas maravilhas nos céus estão apenas fazendo a obra que lhes é designada. São os agentes do Senhor. Deus é o Superintendente, assim como o Criador de tôdas as coisas. O Ser Divino está empenhado em manter as coisas que criou. A mesma mão que segura os montes e os mantém em equilíbrio, guia os mundos em sua misteriosa marcha em redor do Sol.

É difícil haver uma operação da Natureza à qual não encontremos referência na Palavra de Deus. A Palavra declara que Êle "faz que o seu sol se levante" e a chuva desça (Mt 5:45). Êle "faz produzir erva sôbre os montes". "Quem dá a neve como lã, esparge a geada como cinza... Manda a sua palavra, e os faz derreter; faz soprar o vento, e correm as águas". (Sl 147:8, 16, 18). "Faz os relâmpagos para a chuva; tira os ventos dos seus tesouros" (Sl 135:7).

Estas palavras da Santa Escritura nada dizem sôbre independentes leis da Natureza. Deus fornece a matéria e as propriedades necessárias para executar Seus planos. Êle emprega Seus agentes para que as plantas floresçam. Envia o orvalho, e a chuva, e o brilho do Sol, para que a vegetação brote e estenda seu tapête sôbre a Terra, para que os arbustos e as árvores frutíferas possam brotar, florir e produzir frutos. Não se deve supor que seja posta em operação uma lei que faça a semente produzir por si mesma. Deus tem leis que Êle próprio instituiu e que são apenas servos mediante os quais Êle produz os resultados. É por meio do agente imediato de Deus que cada sementinha brota da terra e surge para a vida. Tôda fôlha cresce, tôda flor visceja pelo poder de Deus.

O organismo físico do homem está sob a supervisão de Deus, mas não é como um relógio, que se põe em operação e funciona por si mesmo. O coração bate, pulsação se segue a pulsação, respiração se segue a respiração, mas todo o ser está sob a supervisão de Deus. "Vós sois lavoura de Deus e edifício de Deus" (I Co 3:9). Em Deus vivemos, nos movemos e temos nossa existência. Cada batida do coração, cada respiração, é uma inspiração dAquêle que soprou nas narinas de Adão o fôlego da vida, uma inspiração do sempre presente Deus, o grande Eu Sou.

Os filósofos antigos se orgulhavam de seu conhecimento superior. Vejamos

BREVES NOTÍCIAS

CONFERÊNCIAS DISTRITAIS

Realizaram-se nos dias 17 a 19 de dezembro, em Cedro, SP., importantes conferências distritais. As reuniões foram bem concorridas, contando com a presença de irmãos de diversos lugares. Só de São Paulo vieram 4 peruas Kombi e vários automóveis que trouxeram o C.V.A., o quarteto do programa radiofônico e o trio feminino de Artur Alvim, os quais muito contribuiram para o abrilhantamento das reuniões. As conferências foram dirigidas pelo irmão A. Balbach que proferiu várias palestras de sumo interêsse na atualidade. No último dia houve um batismo, no qual 7 almas fizeram um concêrto com o Senhor, encerrando com chave de ouro aquelas conferências distritais.

INAUGURAÇÃO DO GINÁSIO

Está em fase de acabamento a construção da nova ala do nosso ginásio em Vila Matilde, São Paulo. Oficializado no ano passado, quando o ano letivo constou sòmente da 1.ª série do curso ginasial, continuará êste ano com a 1.ª e 2.ª séries. Conta o prédio com 4 boas salas com capacidade para mais de 30 alunos cada. O ginásio, pelo que tudo indica, deverá ser inaugurado no mês de fevereiro.

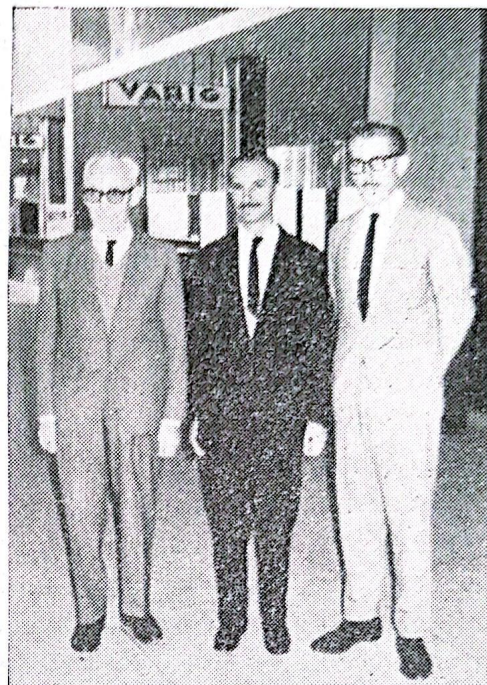
---

como o apóstolo inspirado compreendia o assunto: "Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos. E mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis... Pois mudaram a verdade de Deus em mentira, e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente" (Rm 1:22-25). Em sua sabedoria humana, o mundo não pode conhecer a Deus. Seus homens sábios colhem um conhecimento imperfeito de Deus, a partir de Suas obras criadas, e, então, em sua loucura, exaltam a Natureza e as leis da Natureza acima do Deus da Natureza. Os que não têm um conhecimento de Deus mediante a aceitação da revelação que Êle fêz de Si mesmo em Cristo, obterão sòmente um conhecimento imperfeito dÊle na Natureza; e êsse conhecimento, muito longe de proporcionar elevadas concepções de Deus e de pôr todo o ser humano em conformidade com a Sua vontade, tornará idólatras os homens. Professando-se sábios, se tornarão loucos.

Os que pensam que podem obter um conhecimento de Deus independentemente do Seu Representante, declarado, na Palavra, "a expressa imagem da sua pessoa" (Hb 1:3), necessitarão tornar-se loucos aos seus próprios olhos, antes que possam ser sábios. É impossível obter um perfeito conhecimento de Deus sòmente pela Natureza; pois a Natureza em si mesma é imperfeita. Em sua imperfeição, não pode representar a Deus, não pode revelar o caráter de Deus em Sua perfeição moral. Mas Cristo veio como Salvador pessoal ao mundo. Representou um Deus pessoal. Como Salvador pessoal, subiu ao Céu, e virá novamente da mesma maneira como subiu ao Céu, e virá como Salvador pessoal. É a expressa imagem da pessoa do Pai. "Porque nêle habita corporalmente tôda a plenitude da divindade". (Cl 2:9). (ISM:290-295).

Em Prol da Obra

E. LAICOVSCHI

Os irmãos E. Laicovschi, E. Kanyo e A. Balbach, antes da partida para os EE. UU., onde foram participar de uma sessão da Comissão da Conferência Geral.

Disse o Senhor Jesus: "Convém que eu faça as obras daquêle que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar". (Jo 9:4).

As responsabilidades na obra do Senhor são diversas e exige-se dos ministros do Senhor a mesma disposição para o trabalho que teve Êle quando estêve na Terra. Seus servos devem fazer a obra de Deus antes que chegue a noite, quando ninguém poderá trabalhar. O Espírito de Profecia nos diz: "Não temos tempo a perder. O viajar de lugar em lugar para difundir a verdade, logo estará rodeado de perigos à direita e à esquerda. Por-se-á todo obstáculo no caminho dos mensageiros do Senhor, para que não possam fazer o que lhes é possível fazer agora". 2TSM:376.

Estas predições já se estão cumprindo em muitas partes do mundo. Muitos servos de Deus estão impedidos de viajar de um lugar para outro a fim de levar a mensagem de salvação às almas que perecem. Agradecemos a Deus porque no continente americano temos ainda liberdade para fazer a obra do Senhor e facilidade para viajar de um lugar para outro.

No mês de maio do ano em curso os irmãos E. Kanyo, A. Balbach e eu recebemos um chamado para assistirmos a uma sessão da Comissão da Conferência Geral, em Sacramento, California, U. S. A. Em poucos dias os documentos para a viagem estavam prontos e no dia 26 empreendemos a viagem, estando no dia seguinte na sede da Conferência Geral. Terminada a sessão, o irmão A. Balbach foi encarregado de visitar a Conferência do Campo Oeste do Canadá. Ao mesmo tempo, o irmão E. Kanyo foi incumbido de presidir à Conferência do Campo Leste. A mim me foi dado o encargo de visitar nossos irmãos na América Central e Venezuela.

Antes de entrar na Guatemala, América Central, permaneci por três dias em Los Angeles, California; passei o sábado 3 de julho com os irmãos dêsse lugar. No domingo, por gentileza de alguns irmãos, fui levado a conhecer os diversos lugares interessantes da grande cidade do Pacífico, onde vivem milhares de adventistas que necessitam ouvir, com tôda a clareza, a mensagem da Reforma. No dia 5 de julho viajei para Guatemala, onde se encontra, há três anos, o irmão Carmelo Palazzolo, com sua família, da Argentina, trabalhando na Obra. O irmão Palazzolo está fazendo grandes esforços

para estender a obra de Reforma na América Central. Atualmente está edificando o primeiro templo nessa parte do mundo. Passei dez dias com os irmãos de Guatemala e celebramos importantes conferências tôdas as noites, com a presença de irmãos e interessados de San Salvador e de Honduras, onde a obra está iniciada. Todos ficaram bem animados e alegres com a mensagem de Reforma.

Quinta-feira, dia 15 de julho à tarde, despedi-me dos irmãos da Guatemala, acompanhando-me alguns até o aeroporto, e em poucas horas encontrei-me em Caracas, Venezuela, aonde cheguei pela segunda vêz depois de onze anos. Em 1954 visitei Caracas pela primeira vêz, quando foi organizado um pequeno grupo de irmãos que haviam aceitado a mensagem de Reforma e, desde então, apenas poucas visitas receberam; por isso tive que demorar-me mais, para ajudá-los. Aos sábados e nos dias de semana celebramos importantes reuniões, com batismo e Santa Ceia.

Na cidade de Caracas há dezesseis membros e oito novas almas que se preparam para o batismo. Todos ficaram animados e agradecidos pela visita, pedindo com rogos um obreiro permanente ou pelo menos uma visita cada seis meses. Venezuela também é um bom campo para a obra missionária. Muitas almas ali esperam a mensagem de Reforma.

Despedi-me dos irmãos de Caracas na noite do dia 27 de julho e, depois de seis horas de vôo em avião a jato, cheguei bem graças a Deus, de regresso à sede de nossa União Brasileira.

Considerando a rapidez e a facilidade com que é possível ir de um extremo a outro, no interêsse da obra do Senhor, e tomando em conta a liberdade que ainda nos é concedida, digo: Louvado seja Deus! Por isso "Cumpre-nos olhar de frente nossa obra, e avançar o mais depressa possível em luta intensa. Segundo a luz que me foi dada por Deus, sei que as potências das trevas estão trabalhando com intensa energia que procede de baixo e a passos furtivos vai Satanás avançando para se apoderar dos que agora se acham adormecidos, qual lôbo que se apodera da prêsa". 2TSM:376.

Depois de passar dois sábados em São Paulo, tive que fazer uma viagem urgente a Montevideo, Uruguai, e Buenos Aires, Argentina, no interêsse da obra do Senhor. Regressando de Buenos Aires, celebramos importantes reuniões gerais no salão de Vila Matilde, São Paulo. De acôrdo com o programa elaborado de antemão, tivemos uma reunião solene sábado, dia 28 de agôsto, à tarde, quando foi consagrado para o cargo de ancião o irmão Antonio Pinto, da igreja de Vila-Maria, São Paulo. No dia seguinte, domingo, também numa reunião geral, foi inaugurado o nôvo batistério de Vila Matilde, no qual, em ato solene, foram batizadas 38 almas, que prometeram fidelidade aos princípios do Movimento de Reforma. À hora da recepção, foram recebidas mais duas almas por votos, sendo ao todo 40 o número dos que ingressaram na igreja do Senhor nessa oportunidade. Nas nossas orações a Deus pedimos que êstes novos irmãos permaneçam firmes e fiéis, para a salvação de cada um dêles, como foi prometido pelo Senhor: "O que crer e fôr batizado, será salvo".

Agradecemos a Deus por ser-nos concedido um tempo de paz e liberdade, em que podemos trabalhar pela salvação das almas, fazendo uma obra que está no grande plano de Deus, relacionado com o envio do Seu Filho a êste mundo perdido. Quando chegar a noite da tribulação, nada mais se poderá fazer.

MEU ROTEIRO PASTORAL

Desidério Devai

"Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram". (Rm 12:15).

Jesus, o Sumo Pastor, deixou-nos o bom exemplo de como podemos ajudar as almas a fim de que se salvem.

Diz-nos o Espírito de Profecia o seguinte:

"Jesus via em cada alma alguém a quem devia ser feito o chamado para Seu reino. Aproximava-Se do coração do povo, misturando-Se com êle como alguém que lhe desejava o bem-estar. Procurava-o nas ruas públicas, nas casas particulares, nos barcos, na sinagoga, às margens do lago e nas festas nupciais. Ia-lhe ao encontro em suas ocupações diárias, e manifestava interêsse em seus negócios seculares. Levava Suas instruções às famílias, pondo-as assim, no próprio lar, sob a influência de Sua divina presença. A poderosa simpatia pessoal que dÊle emanava, conquistava os corações. Retirava-Se muitas vêzes para as montanhas, a fim de orar a sós, mas isso era um preparo para Seu labor entre os homens, na vida ativa. Dêsses períodos volvia para aliviar o enfêrmo, instruir o ignorante, e quebrar as cadeias aos cativos de Satanás... Não ordenava a Seus discípulos que fizessem isso ou aquilo, mas dizia: 'Segue-Me'. Nas jornadas através de campos e cidades, levava-os consigo, para que vissem como ensinava o povo. Vinculava-lhes os interêsses aos Seus próprios, e êles se Lhe uniam na obra". D:107, 108.

O apóstolo Pedro nos fala: "E, quando aparecer o Sumo Pastor, alcançareis a incorruptível coroa de glória". (I Pe 5:4). Interrompi meu relatório anterior em março de 1964, com uma referência à construção da igreja de Curitiba, capital do Est. do Paraná, onde temos a sede da Associação Paraná-Sta. Catarina.

A conferência em S. Paulo tomou-me todo o mês de março de 1964.

Em abril visitei os irmãos de Caçador e Canoinhas, Sta. Catarina. Também estive em Prudentópolis, Paraná, onde os irmãos construíram uma casa para as reuniões. Visitei em seguida Antonina, onde trabalhou e construiu uma boa igrejinha o irmão Leontino Nunes Teixeira; êsse templozinho foi inaugurado nessa ocasião. Visitei também vários lugares do norte do Paraná.

A 3 de maio, em Londrina, tivemos o prazer de agregar à igreja, pelo batismo, 10 almas.

Em maio ainda visitei os irmãos Baclan, de S. Vicente, que generosamente nos haviam ofertado, de sua serraria, tôda a madeira para a edificação da igreja de Curitiba.

Em junho trabalhei na construção da igreja de Curitiba.

Em julho celebramos a conferência da Associação Paraná-Sta. Catarina, durante

a qual um obreiro foi consagrado para o ministério e 14 almas foram agregadas ao aprisco do Senhor.

Nos dias 9 a 12 realizou-se a conferência da Associação Rio Grande do Sul, à qual assisti. Algumas almas foram então batizadas.

No mês de agôsto, no dia 1.º, em Florianópolis, SC, tivemos o batismo de um casal de jovens muito animados; também celebramos aí a Santa Ceia do Senhor.

Depois visitei os colportores que trabalhavam em Blumenau, e os irmãos de Subida e de Cangueri, onde temos uma igrejinha bem animada.

Em setembro visitei os irmãos de Caçador, SC, e de Pôrto Alegre, RS, e estive ocupado com a construção da igreja de Curitiba.

Em outubro, em Curiuva, batizei um casal muito animado, e celebrei a Santa Ceia com os irmãos do lugar.

Em Itaguagé também houve Santa Ceia.

Em Jardim Olinda recebi duas almas vindas da "classe numerosa" e celebrei a Santa Ceia.

No dia 24 visitei em Terra Rica os estimados irmãos Lira.

No dia 28 batizei uma irmã em Maringá, no sítio.

No dia 29 estive ocupado com as bodas celebradas em casa de nosso irmão obreiro José Policarpo da Cruz, em Maringá.

No dia 31, realizei um batismo em Cambira, Norte do Paraná.

No mês de novembro, viajei com o irmão Aderval P. da Cruz, em *jeep*. Visitamos todo o Oeste do Paraná e também os irmãos Baclan, de S. Vicente. No Rio da Vargem tivemos batismo de algumas almas e Sta. Ceia. Visitamos os irmãos de Pensamento e de Barreiro do Oeste, e o irmão Bertulino Escher e família, em Ubiratã. Em seguida visitamos os irmãos de Cascavel, de Sta. Teresa e Colônia de S. Francisco. Em Sta. Teresa celebramos a Sta. Ceia e umas 12 pessoas se levantaram decididas a ingressar no próximo batismo que ali se realize. Voltamos a Cascavel, onde, com o trabalho do irmão colportor e obreiro Leontino Nunes Teixeira, e com os esforços de mais alguns irmãos, temos quatro famílias interessadas.

Os irmãos de Pôrto Guaíra, Nova-Ipira e Umuarama também foram visitados.

No mês de dezembro estive ocupado com o acabamento da igreja de Curitiba.

No mês de janeiro tivemos batismo e Santa Ceia em dois lugares.

A 6 de fevereiro, de 1965, foi inaugurado o templo de Curitiba, com a presença dos irmãos E. Laicovschi, João Moreno, Atanásio Barbosa, Washington Luiz Bueno, Samuel Monteiro e outros irmãos.

Do dia 7 ao dia 12, tivemos um curso dos colportores, em Curitiba.

No dia 13, 6 almas se uniram à igreja pelo batismo, em Curitiba, e, em seguida, celebramos a Sta. Ceia e, à noite, tivemos a reunião de despedida.

Em março visitei o norte do Paraná.

No dia 7, na fazenda dos irmãos Erthal, batizei três almas jovens, das quais muito esperamos. Celebrei também, aí, a Sta. Ceia.

Em seguida fui a S. Paulo, onde fiquei até o dia 12 de abril, na conferência da União.

No dia 15, com os irmãos Leontino Nunes Teixeira e José França, fui a Cascavel, Sta. Teresa, Colônia S. Francisco, Pôrto Guaíra e Nova Ipira, Oeste do Paraná. Em Nova Ipira tivemos a inauguração de uma igrejinha que os irmãos daquele lugar haviam construído com seus próprios esforços e recursos. Outrossim, tivemos a alegria de ver oito almas descerem às águas batismais e comemoramos aí a Sta. Ceia. Celebramos também o enlace matrimonial dos jovens Arthur Gessner e Elizabeth Teixeira.

No dia 1.º de maio os irmãos de Londrina alugaram um ônibus e foram, 45 adultos e 15 menores, a Cambará, onde se uniram com os irmãos dêsse local, numa festa muito animada, para iniciar as reuniões num salão que haviam alugado dos presbiterianos.

Do dia 28 de maio ao dia 6 de junho tivemos conferências em Cambará.

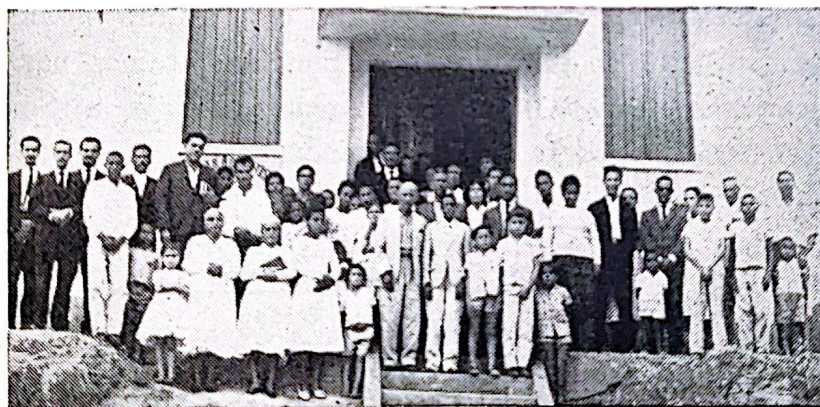
No dia 9 estive em Apucarana, para a triste despedida da irmã Belarmina Teixeira, que dormiu em Cristo.

Nos dias 10-13 de junho teve lugar o congresso dos jovens e a conferência distrital de Londrina. O ir. A. Carlos Sas, vindo de S. Paulo, dirigiu o congresso juvenil. No dia 12 a exposição da palavra de Deus comoveu a todos, principalmente com as palavras "Como me apresentarei diante de Deus?" No dia 13, 6 almas se uniram à igreja pelo batismo e houve Sta. Ceia.

No dia 15, em casa do irmão Willy Gessner, Cambira, realizou-se o enlace matrimonial de sua filha Elvira com o jovem Horst Bayer.

No dia 19, com os irmãos Geisler e Kasperski, em S. Martins, celebramos a Sta. Ceia.

No dia 3 de agôsto me despedi dos meus queridos familiares e, no dia 4, dos irmãos da União, pois tive que empreender uma viagem missionária à Bolívia e ao Peru.

CONFERÊNCIAS DISTRITAIS NO NORDESTE DE MINAS

GERALDO BARBOSA LIMA

Os irmãos de Nanuque viveram dias festivos com a realização da conferência distrital, cujas reuniões foram bem assistidas e muito animadas.

No dia 26 de agôsto chegou a Nanuque, procedente de Belo Horizonte, onde reside, o irmão Ary Gonçalves, realizando assim sua primeira visita ao nordeste de Minas. O jovem pastor foi alegremente recebido pelos membros da igreja e pelo obreiro João Lopes, de Governador Valadares, que aqui se encontrava fazendo os preparativos para as conferências e visitando irmãos e interessados.

Agora, juntos, fizeram o programa para as conferências, cujo início foi na sexta-feira à noite. No sábado tivemos a reunião da Escola Sabatina e um importantíssimo sermão. A igreja estava superlotada de irmãos e visitantes. Às 14 horas foi realizado o exame dos candidatos ao batismo e, das 15 às 17 horas, uma reunião da liga juvenil e uma reunião de ações de graças. Foi um sábado inesquecível! Que reuniões felizes!

No domingo tivemos uma reunião às 8,30 horas. Tiramos fotografias da igreja e da escola primária que vem sendo mantida desde o início da obra aqui em Nanuque. Às 10 horas houve profissão de fé, e, às 11 horas, rumamos, com os candidatos, para a água, onde 8 almas fizeram concêrto com Deus. O lugar do batismo é muito bonito e a cerimônia nos trouxe à lembrança o exemplo de Cristo quando foi imergido nas águas do Jordão. À noite foi celebrada a Ceia do Senhor. O templo estava repleto de visitas.

As conferências seguiram-se pela semana. Durante o dia fazíamos visitas e à noite reuniões com projeção luminosa, que contavam com boa assistência.

Finda a semana, realizamos outra importante festa em Itamira, cidade próxima, onde os irmãos nos esperavam ansiosamente. Saímos de madrugada, no carro do irmão Antonio Paulista, recém-batizado, contemplando a abóbada celeste salpicada de estrêlas cintilantes. Ao longe ouvíamos o cricrilar dos grilos e os chilrear dos pássaros. Refrigerava-nos o rosto, suavemente, a brisa matutina. A quietude da madrugada nos convidava à meditação. Nossos pensamentos se dirigiam ao Autor e Criador de tôdas as coisas, e um sentimento de gratidão brotava em nossos corações ao relembrarmos Suas muitas bênçãos a nós concedidas. Completamos nossa viagem entoando cânticos de louvor.

Chegamos a Itamira às 8,45 horas. Os irmãos já estavam ansiosos pela nossa chegada. Trouxeram muita alegria para todos os trabalhos realizados naquele dia: a reunião da escola sabatina, o sermão bíblico, a reunião de exame dos candidatos, o batismo e a santa ceia. No fim do sermão o irmão Gonçalves perguntou quantos queriam ingressar no próximo batismo. Várias mãos se levantaram. Que Deus abençoe essas almas e as ajude em sua preparação!

À noite a caravana regressou a Nanuque, ficando eu e o irmão Gonçalves para fazermos algumas visitas.

No domingo fomos a cavalo até a fazenda de uma irmã viúva que estava sendo intoxicada pela "classe numerosa". Com as explicações do irmão Gonçalves, essa irmã ficou novamente firme do lado da Verdade.

O trabalho em Nanuque está crescendo admiràvelmente. Temos uma igreja construída, uma escola primária e um vasto campo de trabalho, com muitos interessados. Possuímos também um ótimo alto falante, que nos é muito útil para pregações. Falta-nos, entretanto, um obreiro permanente para ajudar-nos no progresso da Causa aqui. Sabemos que a obra em geral luta com a falta de elementos humanos; por isso oramos para que Deus envie mais ceifeiros a Sua grande seara já madura.

SOCIEDADE COM INCRÉDULOS

"Deus apela para que sejamos cuidadosos. Êle nos adverte contra o entrarmos em sociedade com os descrentes. Não devemos ligar-nos com êles em empreendimentos comerciais. Não há desculpa para quem fizer isto". *Letter* 51, 29 de março de 1900 (*The Health Food Work*, pg. 12).

ANÍSIO JOSÉ DO NASCIMENTO

AS DUAS PEDRAS

DAS DUAS PEDRAS QUE ENCONTREI, QUAL FOI A MELHOR? A QUE ME ENCHEU O BOLSO OU A QUE ME ENCHEU O CORAÇÃO?

Em 1949 eu estava em Nova Venésia, Espírito Santo, garimpando pedras preciosas, e entre as melhores que já haviam aparecido ali, achei uma de 260 gramas, mas apanhei também naquele trabalho um resfriado tão forte, que os médicos daquela cidade diziam que eu estava tuberculoso.

Um belo sábado, à tarde, apareceram dois senhores com Bíblias e hinários, e começaram a cantar e a fazer pregação, bem pertinho da barraca de jôgo onde costumávamos divertir-nos com Satanás. Meus companheiros não gostaram da pregação e queriam apedrejá-los, mas eu me pus à frente dêles e disse-lhes que se fizessem algum mal àqueles homens a mim o fariam, e assim êles os deixaram. O pregador, meio assustado, salientava estas palavras: "Eu estava resolvido a praticar o mal, bebia, fumava, jogava; mas a palavra de Deus me condenou; agora sou crente e estou livre; assim deveis vós também proceder, caros ouvintes".

Essas palavras foram para mim a mais preciosa pedra que encontrei durante a minha mocidade. Nunca pude esquecer-me delas.

Em 1950 mudei-me para Linhares. Comecei a freqüentar e a gostar dos cultos da "Assembléia de Deus", mas não concordava com os espíritos que recebiam, nem com a guarda do domingo, etc. Lembrava-me sempre de que o pregador, que ouvira pela primeira vez, havia dito que guardava o sábado.

Logo apareceu naquela cidade um barbudinho e começou a estudar comigo. Imediatamente aceitei a religião que êle pregava. Em 1951 fui batizado. Pensava que a denominação dêle era a mesma dos meus primeiros mensageiros, mas, nas primeiras festas de cabanas a que assisti, fiquei espantado com o que vi e ouvi... Mesmo assim filiei-me a êsse grupo, ao qual pertenci durante 11 anos, e no qual exerci cargos de responsabilidade.

Em 1955 eu morava no Rio de Janeiro e visitei pela primeira vez nossa igreja em Cascadura, para adquirir alguns víveres. Deparei-me com os irmãos Francisco Devai e Moysés Lavra. Convidaram-me para um estudo, ao qual compareci acompanhado de dois senhores, mas nada pude entender. Uma coisa, porém, me impressionou muito, foi a maneira como o zelador nos recebera.

Voltei novamente a Nanuque, sempre impressionado com Apocalipse 18:1, Obreiros Evangélicos, pág. 300, e Vol. III, da Edição Mundial, pág. 13. Tive divergência com alguns dos meus companheiros, não aceitando o modo como êles aplicavam essa profecia.

Apareceu em Nanuque o irmão Pedro Tavares, e tivemos uma palestra, mas nada pude aproveitar. Depois apareceu um jovem de nome Luiz Vitorassi, estando presente o Menezes. Eu esperava que em poucos minutos o Menezes fizesse com que êsse irmão se retirasse, mas "o tiro saiu pela culatra". Aconteceu o contrário. O Menezes não teve mais argumentos, e queria que eu concordasse com êle em despedir o jovem com aspereza e grito, o que não aceitei, pois, pelo que êle ali apresentara, vi que o Menezes não tinha saída, e veio-me o desejo de estudar com êsse jovem em particular.

Depois tive, em Montes Claros, um estudo com um pastor da Igreja Adventista, mas não respondeu a nenhuma das perguntas que lhe fiz.

Em Nanuque encontrei, posteriormente, o Sr. Giácomo Molina. Marcamos uma palestra, mas êle não respondeu satisfatòriamente às minhas perguntas.

Recebi uma coleção de folhetos "Laodicéia", os quais estudei com muito carinho e logo os ofereci a um adventista.

Em Brasília, procurei adquirir tôda a literatura doutrinária da Reforma. Lia tôdas as madrugadas, com muita atenção e oração, pedindo a Deus que me orientasse melhor. Propus no meu coração buscar aquela "Pedra" que uma vez se me apresentara no garimpo. Segui imediatamente para Vitória, com o irmão Geraldo Barbosa Lima. Ali estudamos com o irmão Ozias Silva, e seguimos para Macaé, onde assistimos ao culto de oração, e rumamos para o Rio, sendo bem acolhidos pela irmã Salvínia Dias e pelo ir. Francisco Palfy. No dia seguinte entramos em estudo com os irmãos Moysés Lavra e Ary Gonçalves da Silva. Passamos oito dias estudando, e nossas dúvidas se desvaneceram. E, assim, chegando a Nanuque, organizamos a Escola Sabatina em nome da Reforma, e procuramos trazer as almas transviadas para o redil de Cristo.

Meu sogro, que era adventista da "classe numerosa" havia dois anos, foi comigo ao Rio, onde estudamos com os irmãos A. Cecan, M. Lavra, A. G. da Silva e F. Devai, sôbre a obra do assinalamento. Meu sogro ficou inteiramente convicto. Voltamos, por assim dizer, com o rosto brilhando como o de Moisés. Em Nanuque, porém, fomos vítimas de injúrias, calúnias e perseguições tais como nunca as poderíamos esperar de pessoas que se diziam religiosas. E assim pudemos conhecer melhor, por seus frutos, os professos adventistas da "classe numerosa".

No dia 1.º de julho de 1962 tivemos um batismo de 17 almas, aqui em Nanuque. Depois de 7 meses, mais uma alma selou sua fé pelo batismo. Pouco mais tarde, mais sete em Jampruca e oito aqui. E, agora, levantada nossa igreja para o progresso da Causa de Deus, mais nove preciosas almas foram batizadas em Nanuque e uma em Itamira. Entre os nove de Nanuque, estão os irmãos Saturnino e espôsa, que, depois de terem pertencido 20 anos à igreja Batista, resolveram ingressar na verdadeira Igreja de Deus. Também figuram alguns irmãos vindos da "classe numerosa".

Muitas outras almas, desiludidas com as igrejas Batista, Presbiteriana, Assembléia, e, bem assim, com os russelitas e com a "classe numerosa", estão-se preparando para o próximo batismo, tendo sido impressionadas pela Verdade Presente.

E eu estou muito contente por ter encontrado aquela "Pedra" espiritual que me enche o coração.

UMA CONSCIÊNCIA SADIA (At 23:1; 24:16; I Tm 1:19; Hb 13:18)

Um índio convertido foi certa vez à cidade para fazer uma compra e, tendo voltado para a sua casa, notou que lhe haviam dado trôco a mais. No dia seguinte retornou à cidade para devolver o excesso de dinheiro ao comerciante. Êste, ao ver o escrúpulo de consciência daquele, soltou gostosa gargalhada. Mas o freguês se justificou, dizendo: "Tenho, no meu coração, um homem bom e um homem mau. O primeiro disse: 'Não é teu'; o segundo disse: 'Ninguém saberá disso'. O primeiro disse: 'Leva-o de volta'; o segundo disse: 'Não te incomodes'. Fui dormir e os dois homens — o bom e o mau — brigaram, dentro de mim, a noite tôda, e me roubaram a paz".

UMA CONSCIÊNCIA SENSÍVEL (Lc 23:39-43)

Tendo o patrão recebido a denúncia de que um dos seus peões havia feito um roubo, dirigiu-se ao local onde o culpado estava arando, e, apeando do seu cavalo, caminhou lado a lado com o acusado.

— Que é isso, Guilherme — perguntou-lhe o fazendeiro — você não pode hoje olhar-me na cara, como de costume. Algo lhe pesa na consciência. Que aconteceu?

O delinqüente se debulhou em pranto e confessou tudo ao amo, de quem recebeu o conselho:

— Venha hoje à noite a minha casa e eu vou arranjar as coisas de tal maneira que você poderá restaurar o objeto roubado e ninguém ficará sabendo disso.

O ladrão nunca mais roubou.

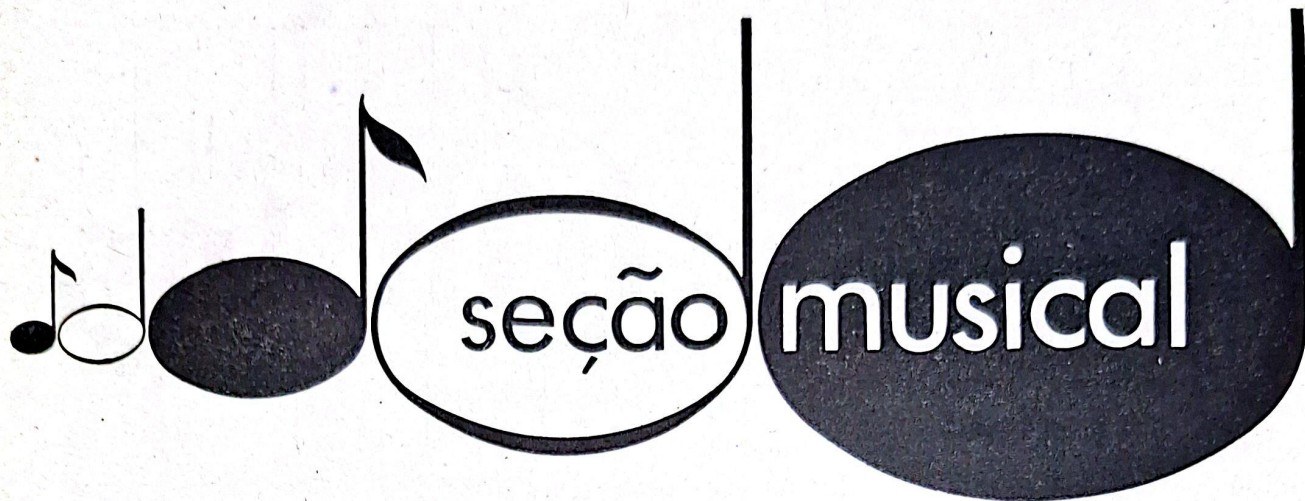
MINA JOANA ELISABETH LUUP

Faleceu em Curitiba, no dia 27 de novembro, a irmã Mina Joana Elisabeth Luup, nascida a 31 de dezembro de 1877, na Estônia, cidade de Tallim. Aceitou a Verdade e foi batizada no ano de 1939, pelo irmão A. Lavrik. Essa irmã deixa 5 filhos, 4 dos quais são membros de nossa igreja. Um dêles, o irmão Eduardo Luup, é obreiro e se encontra em Goiânia, Go., seu atual campo de trabalho.

Desejamos aos familiares o consôlo que se encontra em Apocalipse 14:13.

EDSON GOUVEIA

Ocorreu no dia 12 de novembro, em São Paulo, o falecimento do menino Edson, com um ano e nove meses de idade, filho dos irmãos Josué e Inês Gouveia.

Os pais que sentiram muito a perda de seu ente querido, conformam-se na esperança de um dia, quando o Senhor vier buscar seu povo, poder revê-lo, conforme as promessas das Escrituras.

RUBEM DE LIMA

Origem da Sinfonia

A origem da orquestra sinfônica devemos buscar principalmente nas "Fugas" para órgãos de Bach, nos "Quartetos" de cordas de Haydn e Mozart, escreveu Richard Strauss. As manifestações sinfônicas dêstes dois mestres austríacos revelam, quanto ao estilo, invenção temática, condução melódica e elaboração, tôdas as possibilidades do quarteto de cordas. E de tal maneira que estas não parecem outra coisa que o quarteto, com outros reforços instrumentais. O grande número de instrumentos de sôpro que intervêm nas Sinfonias n.° 5 e n.° 9, de Beethoven, não pode enganar sôbre o fato de que inclusive nelas se observa o sêlo inconfundível da música de câmara. (F. S. P.)

Ler o Programa

É aconselhável ler o programa, a fim de nos preparar para a audição? Os mestres aconselham que se o leia, mas que se apresse em esquecê-lo, para não se pensar senão na música. Esta é também a opinião de Liszt. O programa, diz, não possui outra finalidade que não a de fazer alusão prévia aos móveis psicológicos que levaram o compositor a criar sua obra e que acabaram sendo encarnados nela. O que interessa é a música e o saber ouvi-la. (F. S. P.)

Imitaram o Rei

O rei Jorge II da Inglaterra, que era um homem totalmente desprovido de sensibilidade musical, assistia com muito enfado a uma execução do "Messias", de Haendel, num teatro de Londres, quando ao chegar a "Aleluia", julgou tratar-se do hino nacional e pôs-se de pé. O público, respeitosamente, acompanhou-o na postura, daí nascendo na Inglaterra a tradição de colocar-se de pé, sempre que se faz ouvir aquêle trecho do oratório. (F. S. P.)

Música Militar

A expressão "música militar" indica atualmente a música produzida por instrumentos de sôpro. Em conceito mais amplo, é simples música de sôpro, ainda que nem tôda música produzida por instrumentos de sôpro seja militar. Há duas músicas militares: a de cavalaria e de infantaria. A primeira é de efeito mais

O DISCO É NOTÍCIA

O DISCO que o nosso quarteto tem plano de gravar é, como já foi noticiado, de pequeno porte, constando de 4 hinos apenas, como experiência. Se essa fôr feliz, entretanto, e é o que se espera, o quarteto fará mais dois discos, completando, assim, um jôgo de 3 compactos duplos, com uma tiragem inicial de 600 exemplares. Segundo os planos, os discos deverão estar prontos entre os meses de maio e junho vindouros. Êsse é o objetivo, porém, há muitos problemas a serem resolvidos, a fim de conseguir-se alcançar êsse alvo. Entre êsses, a questão financeira é a principal, mas o Departamento do Rádio, responsável por êsse empreendimento espera, em campanha a ser lançada brevemente, vender alguns discos antecipadamente, a exemplo da gravação do C. V. A., conseguindo, desta maneira, os meios necessários.

ardoroso e estridente, em virtude de se utilizar exclusivamente de instrumentos de metal, pois os de madeira não são apropriados para a cavalaria, por causa do som pouco penetrante. Na música de infantaria combinam-se instrumentos de madeira aos de metal. O instrumental das bandas militares muito aperfeiçoado no último século não sofreu, contudo, alterações fundamentais até hoje. (F. S. P.)

Morte do Disco

Max Gruding, o magnata da eletrônica e do disco na Alemanha Ocidental, quer comprar da Polônia a patente de uma descoberta sensacional, que significará a morte do disco. Trata-se de um sistema de música comprimida por meio de transistores e de fita magnética. O nôvo aparelho é de fácil manêjo. (F. S. P.)

Musicologia

Na clássica definição de Otto Kinkeldey, musicologia é o conjunto dos conhecimentos sistematizados sôbre a música, que resultam na aplicação e pesquisa, ou de especulação filosófica e sistemática racional dos fatos, de processo de desenvolvimento da arte musical e da relação do homem em geral (até mesmo de animais) com essa arte. Essa definição um tanto extensa e explicativa indica as dimensões onde podemos situar a musicologia, que afinal são iguais àquelas nas quais se contém a própria música. (F. S. P.)

Nossa Música Recebe Cartas

NANUQUE, MG.

Peço que me enviem 2 discos do C.V.A. e também preço especial para a compra de 10 exemplares.

Gostaria também de saber se já existe disco do nosso quarteto.

Geraldo B. Lima

UMUARAMA, Pr.

... Mandei Cr$ 4 500 para a aquisição de um disco do C.V.A. Os irmãos nem imaginam com que ansiedade estou esperando o disco para ouvir.

Sofia Koblitz

BOTUCATU, SP.

... Outrossim, mando pedir aos irmãos da Editôra que se tiverem discos à venda que me mandem alguns de qualquer rotação, pelo correio.

José F. de Almeida

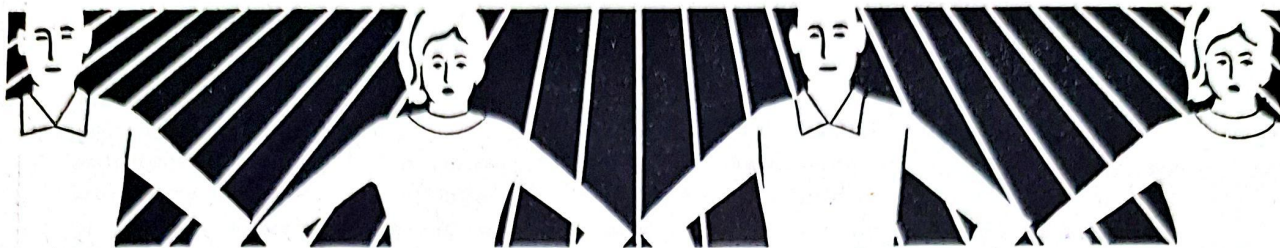
PIRAPORA, MG.

Estamos ansiosos por conhecer o LP do nosso C.V.A.

Adonis Barros

NANUQUE, MG.

Faço estas linhas sòmente para solicitar aos irmãos a fineza de me enviar um disco do nosso quarteto... Se já tiver gravado mais algum da nossa igreja, mandem-mo.

Anízio J. do Nascimento

nossa juventude

MINHA EXPERIÊNCIA

NÁDIA BRAGA KLEINA (COLPORTORA)

Aos seis anos de idade, tive que sair da companhia de meus pais e, até 10 anos, vivi em casa de outras famílias. Só Deus sabe quanto sofri nesse tempo, privada do confôrto de um lar, da companhia de meus pais e da minha irmã, e sempre vivendo com estranhos, sem ser compreendida por êles.

Minha mãe estava gravemente enfêrma, e passei com ela os últimos meses de sua vida. Depois fiquei alguns meses em casa de uma tia, em Corumbá, e sofri muitíssimo, tanto castigos físicos como morais. Em virtude dos maus tratos recebidos, fui obrigada a fugir, ficando com meu pai. Mas êste, depois da morte de minha mãe, se entregou ao vício de beber, e não pude permanecer muito tempo com êle.

Outra tia minha, que morava em São Paulo, sabendo da minha situação, foi-me buscar em Corumbá, e passei a morar com ela. Eu ansiava tanto encontrar um lar e julguei que ali teria o que tanto almejava. Mas — que desilusão! — já na viagem notei seu mau gênio, e, ao chegar a sua casa, o desapontamento foi completo. Ela me pôs a trabalhar numa indústria, e eu tinha que entregar a ela o meu ordenado integral. Cansada com o trabalho do dia, eu ainda fazia horas extras na fábrica, pois não suportava estar em casa da minha tutora, que, em seus momentos nervosos, me cobria de palavrões e muitas vêzes me dava surras tremendas. Quantas vêzes ela me tocou de casa! E quantas vêzes desmaiei de fome, andando à procura de serviço em casas de família! Ela me mandava embora e, depois, ia-me procurar, alegando aos meus patrões que ela fizera aquilo num momento nervoso, que tinha os nervos muito abalados, etc.

Num dia de finados, no ano de 1958 (dêsse dia jamais poderei esquecer-me), minha tia me deu nova coça, aliás muito grande, e me tocou outra vez de casa. Tôda machucada, fui procurar abrigo, sucessivamente, em duas casas vizinhas, mas minha tia lá chegou, ameaçando as se-

nhoras que me haviam acolhido, dizendo que iria ao Juizado de Menores, etc., e essas senhoras, com mêdo dela, não queriam deixar-me ficar em casa delas. Entrei numa terceira casa. E minha tia lá apareceu com a mesma ameaça, mas a dona da casa disse a ela: "Pode a senhora ir ao Juizado de Menores, e até podemos ir juntas, e quero ver a qual de nós duas o juiz dará razão: se a mim, por ter recolhido uma menor em casa, ou se à senhora, por ter tocado uma menor de casa às dez horas da noite". Minha tia desistiu da ameaça e me deixou ficar com aquela bondosa senhora, que, algum tempo depois, estando de mudança para Goiás, queria levar-me junto com ela, mas não obteve, para isso, o consentimento de minha tia. Aquela senhora me queria muito bem e, ao chegar à estação da Luz, para embarcar para Goiás, ficou com pena de me deixar sòzinha, desempregada, dormindo agora em casa de uma amiga e vendeu as passagens, despachando sua mudança para Ferraz de Vasconcelos, na E.F.C.B. Por minha causa, tôda a família desitira da viagem e resolveram fixar residência em Ferraz, para poderem ter-me em sua companhia. E todos ficamos alegres por estarmos novamente juntos.

Como sempre, minha tia descobriu meu paradeiro e foi buscar-me. Novamente arranjei trabalho fora. Tive notícia de que meu pai estava muito doente, e fui trazê-lo de Corumbá, ficando um mês em sua companhia. Êle logo faleceu. Imediatamente em seguida ao seu entêrro, minha tia me deu outra tunda muito grande e me pôs novamente fora de sua casa. Voltei então para Ferraz, e fui morar em casa de um juiz de paz, cuja espôsa foi para mim, durante alguns anos, uma verdadeira mãe, e devo a ela muita coisa boa que aprendi em minha vida.

Aos dezoito anos, fui morar em casa de uma família adventista. A senhora e suas filhas começaram a falar-me do Evangelho, mas, descrente e revoltada como eu era, escarnecia delas e não lhes dava a mínima atenção. Mas assim mesmo, elas continuaram a me falar da Verdade.

Eu considerava o dia de meu aniversário o pior dia de minha vida, pois aborrecia o fato de ter nascido, mas foi justamente nesse mesmo dia, quando completava vinte e um anos, que aceitei o Evangelho. Dou muitas graças a Deus por ter ido morar na casa dessa senhora, e hoje ela e uma das suas duas filhas já são membros da nossa igreja.

Freqüentei um ano a "classe numerosa", mas não me conformava com a sua união com o mundo. Muito missionária, trabalhei, constrangida pelo primeiro amor do Evangelho, e logo, por meu esfôrço uma senhora de Ferraz aceitou a mensagem e se batizou na Igreja Adventista. Ela fôra membro da Reforma vinte e três anos atrás, e me disse repetidamente: "Quando você conhecer a Reforma, tenho a certeza de que vai aceitá-la". Ela estava agora na igreja grande, mas seu coração estava na Reforma. (Hoje ela já é nossa irmã).

Um sábado de manhã me dirigi sòzinha, à Vila Matilde (S. Paulo), e perguntei a muitas pessoas onde ficava a igreja, mas me indicavam a igreja grande. Na última tentativa, perguntei onde ficava a "igreja reformista", e me informaram direitinho. Chegando ao nosso salão de Vila Matilde, perguntei a uma irmã, que ia entrando, se eu poderia entrar como estava, de cabelos curtos, de saia curta, etc., e ela me disse que, como visita, sim. Entrei e nunca mais voltei para a "classe numerosa".

No 1.º Congresso Juvenil, fui batizada em Braz Cubas (Mogi das Cruzes), SP, no dia 29 de dezembro de 1963. Pouco depois ingressei na colportagem e tenho feito experiências maravilhosas. Tenho podido falar do Evangelho e da Reforma de Saúde a muitas pessoas. Estive colportando também no Mato Grosso e

ali tive a ocasião de socorrer alguns enfermos, que, com a graça de Deus, estão hoje curados.

Deus tem-me abençoado de maneira maravilhosa em meus fracos esforços missionários, e sinto que não poderei deixar a colportagem. Peço que orem por mim, para que eu permaneça neste tão abençoado trabalho, e que muitas outras irmãs se decidam a fazer o mesmo, e assim verão o fruto de sua obra coroado de bênçãos. Amém.

UM GRAVE PROBLEMA UNIVERSAL

A. BALBACH

Ao lermos a História, encontramos admiráveis e profundas mudanças que se verificaram de século em século, na sociedade; muito mais admiráveis e profundas que no passado são, porém, as transformações que se efetuaram no século XX.

O lar não se subtraiu à ação renovadora dos tempos. Para nenhum povo culto é hoje o lar o que era há pouco mais de um século. Grandes mudanças se realizaram nos últimos cento e cinqüenta anos. Especialmente nas cidades populosas, em que a vida é muito mais complexa e intensa que nas povoações rurais, o lar é hoje muito diferente do que era século e meio atrás. Então não se empregava a eletricidade, nem se conheciam as máquinas. O camponês lavrava os campos quase como nos tempos de Abraão. O viajante não dispunha de outros meios de transporte que não fôssem os usados na antiguidade.

Em princípios do século XIX a vida doméstica excedia a vida civil em intensidade. No lar, o homem produzia tudo quanto era necessário à família. A mulher fiava o linho e a lã; o homem tecia os fios no histórico tear de mão. O homem cultivava o trigo; a mulher amassava e cozia o pão. O lar era a indústria de tôda roupa e a fábrica de todo calçado; a cozinha de todo manjar e o laboratório de todo produto. O queijo, a manteiga, as velas, o sabão, as tintas, as escovas, as vassouras, tudo se fazia em casa. O capítulo 31 de provérbios mostra como era a vida doméstica antigamente e em que se evidenciava o valor da mulher:

"Mulher virtuosa quem a achará? O seu valor muito excede o de rubins. O coração do seu marido está nela confiado, e a ela nenhuma fazenda faltará... Busca lã e linho, e trabalha de boa vontade com as suas mãos... Ainda de noite se levanta, e dá mantimento à sua casa, e a tarefa às suas servas. Examina uma herdade, e adquire-a; planta uma vinha com o fruto de suas mãos... Prova e vê que é boa a sua mercadoria; e a sua lâmpada não se apaga de noite. Estende as suas mãos ao fuso, e as palmas das suas mãos pegam na roca. Abre a sua mão ao aflito, e ao necessitado estende as suas mãos. Não temerá, por causa da neve, porque tôda a sua casa anda forrada de roupa dobrada. Faz para si tapeçaria; de linho fino e de púrpura é o seu vestido... Faz panos de linho fino, e vende-os, e dá cintas aos mercadores... Olha pelo govêrno de sua casa, e não come o pão da preguiça".

As invenções e descobertas do último século e meio subverteram, mais profundamente que uma revolução social, as condições econômicas de todo o mundo. Apareceu o barco a vapor, o tear mecânico, o telégrafo, a ceifeira mecânica, a máquina de costura, a fotografia, o telefone, o fonógrafo, o cinematógrafo, a radiografia, a luz elétrica, o dínamo. Eis a opulenta herança legada ao nosso século pelo século precedente. Em pouco mais de cem anos surgiu tudo que hoje vemos.

O avião é o primeiro fruto do século XX na ordem material; a emancipação da mulher é o primeiro na ordem social.

A crescente divisão do trabalho, que foi especializando mais e mais as profissões; a maior necessidade de diminuir a fadiga corporal e de aumentar a atividade mental e espiritual; os progressos da mecânica que parece terem infundido vida e inteligência às máquinas; todos êstes e muitos outros fatôres combinados deslocaram as indústrias do lar, que, em outros tempos, era uma oficina doméstica.

As indústrias produzem hoje, com maior facilidade, rapidez, abundância e economia, todos os artigos que outrora se produziam no lar. Tudo quanto em tempos idos era produto doméstico se fabrica hoje nos estabelecimentos industriais, com vantagem de preço e qualidade, mercê da maquinaria moderna e dos aperfeiçoados processos de manufatura. Até a cozinha caseira se modificou, pois muitos pratos que antigamente eram confeccionados em casa, podem hoje comprar-se enlatados, em vidros, em pó, etc.

Milhões de lares se aproveitam dêstes recursos modernos. A mãe de família já não necessita tomar tempo em preparar com suas mãos os pratos de consumo diário, em lavar roupa com suas mãos, em confeccionar peças de vestuário, que hoje se compram feitas, etc.

Com a subversão da antiga ordem de coisas, que ficaram no passado, muitas mulheres já não atuam nas esferas onde o Criador as colocou. Então, a mulher cumpria no lar os seus sagrados deveres de espôsa e de mãe; hoje, aflui às profissões liberais, às carreiras comerciais, aos cargos públicos, em concorrência com o homem. A mulher rica leva hoje vida ociosa: só se ocupa com modas, novelas, frivolidades, diversões, clubes, salões, cassinos, etc., o que assinala a sua inutilidade em comparação com as suas antepassadas, que fiavam, teciam, cozinhavam e ainda criavam numerosa prole, muitas vêzes sem a ajuda de amas ou criadas.

Um autor romano, da época da decadência, escrevia:

"Houve tempo em que a mãe de família volteava a roca e simultâneamente tinha a vista fixa na fornalha para que a comida não se enturrasse; mas agora que a mulher carregada de jóias se reclina sôbre coxins e dissipa as horas nas termas ou nos teatros, tudo vai pela água abaixo e a nação decai".

Na antiga Roma, o terem as escravas substituído as mães de famílias e as donzelas, nas ocupações domésticas, trouxe a degenerescência da mulher; nos nossos dias, a maquinofatura, aplicada às indústrias, acabou com muitas das antigas ocupações domésticas, e deslocou a mulher moderna do lar para a fábrica, a loja, o escritório, os lugares de diversão, etc. A mulher, conseqüentemente, se tornou menos dona de casa, menos espôsa, menos genitora. Os filhos, pràticamente abandonados, criam-se sem o carinho, o cuidado e a influência benfazeja de uma sábia e piedosa mãe. E o resultado é desastroso.

A juventude transviada, que é um grave problema universal, decorrre, em parte, de estar a mãe ausente do lar nas horas em que os filhos mais necessitam sua companhia.

Mas não devemos, por outro lado, passar por alto o fato de que o deplorável comportamento dos pais mal-orientados é o principal fator na gênese dêsse problema.

Cont. na pág. 24

ALFREDO
CARLOS
SAS

ALGUMAS DAS SEITAS E

Fariseus

Eram de uma classe separada, considerando-se santos. Estimavam as Escrituras com grande veneração. Davam muito pêso às tradições dos anciãos. Eram caracterizados pelo apêgo às aparências exteriores. Em suas minúcias coavam o mosquito e engoliam o camêlo; não faziam equidade. Apegavam-se à letra da lei e não ao seu espírito. Um dos primeiros cuidados que tomavam era o de não permitir que se introduzisse costume estranho à religião que era observada com severidade. Eram também zelosos em ensinar o dever de pagar os dízimos e observar as minúcias da religião. Ampliavam a lei de Deus com a introdução de idéias humanas que apresentavam ao povo como sagradas. Por êsse motivo não estavam preparados para aceitarem a Cristo nem o Evangelho. Segundo Josefo, a classe dos fariseus compunha-se de 6 000 membros. Alguns dêles se destacavam, como por exemplo Gamaliel, aos pés de quem Saulo de Tarso estudava.

Saduceus

Nome provindo de Antigonus Sockus, um dos membros do Sinédrio de Jerusalém. Êstes eram bem ao contrário dos fariseus. Enquanto os fariseus aceitavam não só a lei mas tôdas as tradições, êstes só aceitavam o pentatêuco (os cinco livros de Moisés). Não se importavam muito com a ordem (organização) religiosa. Escarneciam dos fanáticos fariseus por serem tão zelosos nas cerimônias. Criam no poder de Deus como Criador, porém diziam que o homem não é influenciado por Deus em seus atos. Ensinavam que a alma do homem se desfaz após a morte. Negavam a ressurreição dos mortos, e bem assim a existência dos anjos. Pòlìticamente eram partidários dos reis. Representavam a classe elevada, mas não tinham tanta influência sôbre o povo como os fariseus.

Essenos

Os membros desta seita viviam às margens do Mar Morto. Compunha-se esta seita de 4 000 homens. Esforçavam-se

PARTIDOS DOS JUDEUS

por viver uma vida livre. Não tomavam parte nos sacrifícios oferecidos no templo, contudo mandavam suas ofertas para o sacrifício. Não faziam juramento. Condenavam a escravidão e reconheciam todos os homens iguais. Eram temperantes na alimentação. Não comiam carne. Vestiam-se com simplicidade. Eram bem asseados. Viviam em comunhão de bens. Não eram favoráveis à vida matrimonial. Não se opunham porém ao casamento. Esforçavam-se em praticar a moralidade, a odiar o mal, a serem justos diante de todos os homens, a honrar a Deus, a amar a verdade e a desmascarar os mentirosos. Eram cuidadosos para conservarem uma consciência boa, para serem corretos nos negócios. Viviam dos trabalhos de agricultura e de outras profissões.

Herodianos

Eram partidários políticos da dinastia herodiana, da Iduméia. Os herodianos não eram pròpriamente judeus, mas suplantaram a família real e a linhagem sacerdotal. Eram antagônicos aos fariseus. Contudo, se ligaram a êles com o intuito de matarem a Jesus. (Ver S. Marcos 3:6).

Escribas

Os escribas eram os doutores da lei, os que ensinavam as escrituras e dedicavam tempo ao estudo de assuntos históricos e doutrinais. Ocupavam as cadeiras de ensino e ministravam aulas aos discípulos. No tempo de Cristo exerciam muita influência entre o povo. Muitos dêles faziam parte do Sinédrio. Alguns dêles aceitavam a Cristo, porém a maior parte dêles O desprezavam, bem como rejeitavam Seus ensinos. Eram os encarregados de copiar as leis em livros e lê-los ao povo. É mencionado como grande escriba o sacerdote Esdras, doutor muito hábil na lei. No Nôvo Testamento êles têm o nome de doutores da lei. Colocaram-se ao lado dos anciãos e dos principais dos sacerdotes na condenação de Estêvão, e na perseguição contra Pedro e João. Quando se agitou a questão da ressurreição dos mortos, se aliaram aos fariseus para defender a Paulo (Atos 4:5; 6:12; 23:9).

Publicanos

Como o próprio nome diz, eram os que ocupavam os cargos públicos para cobrar impostos, tributos, etc. Eram desprezados pela maioria do povo, especialmente pelos fariseus, pois os publicanos tinham a oportunidade de roubar, e muitos dêles o faziam. Não havia lei para importância fixa nas cobranças e às vêzes cobrava-se mais do que o justo. Com raras exceções, os publicanos eram grandes extorsionários. Eram odiados pelos judeus, pois, além de cometerem tais iniqüidades, aceitavam cargos no govêrno romano, a quem os judeus aborreciam também. Entre êles se achavam Levi Mateus e Zaqueu, que se converteram ao Evangelho. Por serem muito desprezados pelos fariseus, Jesus honrou esta classe, entrando várias vêzes e em diversas ocasiões em suas casas. Também mostrou na parábola do fariseu e do publicano que muitos publicanos que se convertiam seriam salvos mais fàcilmente do que os orgulhosos fariseus.

Samaritanos

Essa classe de pessoas não era da linhagem dos judeus. Era uma mistura de judeus com gentios. Sua origem remonta ao tempo do rei Onri, que fundou a cidade de Samaria. Por motivo de guerras e de difícil produção por volta de Samaria, se espalharam pelas montanhas, onde faziam suas adorações a muitos deuses erguidos, combinando seu culto aos ídolos com a adoração a Deus. Muitos dos samaritanos iam a Jerusalém para visitarem o templo e ali faziam suas orações. Quando Zorobabel e Neemias estavam construindo o templo, os samaritanos se propuseram a ajudar na construção do templo, mas, como se uniram com outros inimigos de Israel, Neemias recusou aceitar seu auxílio. Os judeus procuravam estar sempre longe dos samaritanos, e os consideravam imundos. Não conversavam uns com os outros. Êsse sentimento foi-se fortalecendo cada vez mais, até que os judeus passaram a considerar os samaritanos como os maiores inimigos. No tempo de Jesus ainda prevalecia o costume de adorarem no monte. O templo que êles tinham construido no monte Gerazim fôra destruído, mas assim mesmo os antigos adoradores continuavam a fazer suas devoções no monte. Criam na vinda do Messias, mas aceitavam sòmente o Pentateuco. Na palestra de Jesus com a mulher samaritana podemos ver que assim era. Na parábola do bom samaritano, bem como na conversa de Jesus com a mulher, Jesus quis derrubar a parede de separação existente entre os judeus e samaritanos. Mais tarde o Evangelho teve boa aceitação em Samaria, quando Felipe fôra para lá enviado. Pela graça do Evangelho, tanto os judeus como os samaritanos são tidos como filhos de Deus, quando se rendem à obediência à vontade de Deus.

Zelotes

Êstes eram zelosos ou zeladores como o próprio nome indica. Era um partido nacionalista que se converteu em um centro de resistência aos romanos sob a direção de Judas Galileu. Em seu fanatismo provocaram guerras contra o império dos césares. Zelotes, zeladores ou cananeus vem a ser a mesma coisa. (Ver S. Lucas 6:15; Atos 1:13; Mateus 10:4, etc,). Simão, um dos discípulos de Jesus, pertencia a êsse partido antes de se tornar discípulo.

Prosélitos

Eram os gentios que se convertiam ao judaísmo. Havia duas classes de prosélitos: (1) aquêles que se circuncidavam, recebiam o batismo e ofereciam sacrifícios; (2) e aquêles que eram menos adiantados e que não se submetiam à circuncisão. Eram conhecidos como prosélitos da porta. A Bíblia faz referência a muitos prosélitos. (Ver Mateus 23:15; Atos 2:11; 6:5; 8:27; 13:43).

Cont. da pág. 20.

UM GRAVE...

Afirma Sir John Hunt, diretor do Plano Prêmio Duque de Edimburgo:

"Como pais, nós não podemos abdicar das nossas responsabilidades condenando a moderna geração. Nossos filhos precisam da nossa ajuda, não das nossas recriminações".

"Se os pais", diz um articulista, "se dispusessem a analisar a sua própria conduta — a sua preocupação com a posse de bens materiais, as desonestidades praticadas com objetivos sociais ou comerciais, a fria aceitação do que não pode ser tolerado — é bem possível que encontrassem as sementes do mau proceder de seus filhos".

Como os filhos imitam o exemplo dos pais, cabe a êstes manter elevados padrões de comportamento, que aquêles possam respeitar.

O MUNDO VISTO COMO É EM REALIDADE

A. BALBACH

A situação do mundo, hoje, apresenta-se estranhamente desequilibrada.

Há mais propaganda de paz, e, não obstante, mais preparativos de guerra; há mais medidas de segurança, e, mesmo assim, mais perigos de todos os lados (teme-se pela própria sobrevivência da espécie humana); há mais leis, e, todavia, mais anarquia; há mais vigilância policial e, no entanto, mais delinqüência e mais crimes; há mais conhecimentos de ordem sanitária, mais laboratórios, mais farmácias, mais hospitais, mais médicos, e, contudo, mais doenças e mais doentes (o mundo se tornou um hospital); há mais luz sôbre os princípios da alimentação, e mais pessoas adotando uma dieta suicida; há mais parasiticidas químicos e mais pragas na lavoura; há mais indústrias e mais desemprêgo e vadiagem; há mais dinheiro acumulado nos bancos e mais miséria entre os pobres; há mais roupa fabricada e mais nudez propositalmente exibida pelo sexo feminino; há mais igrejas e mais inconversão; há mais evangelização e mais corrupção; há mais Bíblias distribuídas e mais almas desconhecendo ou rejeitando as colunas mestras do Cristianismo; há mais escolas e mais ignorância em tôrno de assuntos vitais.

As nações que se reputam as mais adiantadas do mundo tornaram-se como as mais atrasadas — e seu atraso é de milhares de anos — pois decaíram, baixando para o nível do antigo Egito na negação de Deus (Ex 5:2) e para o nível de Sodoma e Gomorra na depravação moral (Gn 13:13; 18:20).

Certos males, por serem coetâneos com a multiplicação da Ciência, são às vêzes desculpados e quase ratificados como "próprios de um mundo mais adiantado", e o argumento que os justifica teria ares de sensatez se soubesse dar sanção, igualmente, às guerras de extermínio, ao crime, aos vícios, ao câncer, à loucura, etc., que também proliferam contemporâneamente "com a multiplicação da Ciência", e que, juntamente com a decadência moral, mostram que o século XX é, não apenas abençoado com seus progressos, mas também amaldiçoado com seus retrocessos.

A condição da humanidade apresenta-se deveras esfarrapada. São incoerências e mais incoerências.

Há os que falam em igualdade: são os que terminariam em desigualdade, pois colocariam seus semelhantes no nível dos governados, e para si mesmos buscariam postos de governadores. (Espírito de supremacia!)

Há os que falam em tomar dos ricos e dar aos pobres: são os que os despojariam totalmente tanto àqueles como a êstes. (Falsidades!)

Há os que pedem mais direitos: são os que, quando podem, roubam os direitos alheios. (Ambição!)

Há os que falam de ordem: são os maiores desordeiros.

Há os que falam em resolver problemas: são os que criam problemas.

Há os que lamentam e condenam a delinqüência e o crime, ... e enviam seus filhos regularmente a escolas de delinqüência e crime. (O cinema).

Há os que falam em higiene, ... e se revolvem no lodaçal dos vícios. (Degeneração!)

Há os que falam em liberdade, ... e vivem escravos do pecado (Jo 8:32-36; I Jo 3:4; Rm 3:20; 7:7) ... (A pior espécie de escravidão!)

Há os que gostam de andar bem vestidos e se ofenderiam se fôssem comparados a uma farroupilha, ... e — o que é muito pior — andam moralmente esfarrapados, pelitrapos, maltrapilhos.

Há os que, com todos os argumentos tomados do arsenal do materialismo, não conseguem pôr Deus fora de existência, ... mas vivem como se Êle não existisse, ... como se não tivessem que prestar-Lhe contas, dos seus atos, no dia do juízo.

Há os que falam em Deus, ... e vivem como ateus. (A maior de tôdas as incoerências!)

De todos êsses falou Jesus: "E a condenação é esta: Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más. Porque todo aquêle que faz o mal aborrece a luz, e não vem para a luz, para que as suas obras não sejam reprovadas". (Jo 3:19, 20). Não é por falta de inteligência que êsses — doutos e indoutos — negam a Verdade, mas, sim, por falta de sinceridade. Têm capacidade mental, mas não têm "coração honesto" (Lc 8:15). Amam o pecado e não querem romper com êle. Isso — e sòmente isso — é o que os impede.

"Mas a Ciência ... a Ciência ... a Ciência" — nome-fantasma amiúde invocado pelos crédulos, quase supersticiosos, do século XXI— tornou-se o "santo-milagreiro" moderno, considerado capaz de resolver "todos os casos". Dêsse culto idólatra, ignorante, cego, às vêzes fanático, não participam os verdadeiros e grandes cientistas, cuja maioria absoluta sempre creu em Deus...

O domínio da Ciência — êsse minúsculo pingo dágua já devassado, dentro de um vasto mar ainda ignoto — não pode aqui ser invocado, por não ter solução para êsses problemas de que estamos falando. A solução virá de Deus.

Deus determinou que, por uma tríplice mensagem (Ap 14:6-10), o mundo fôsse advertido antes que a ímpia humanidade, corrompendo-se mais e mais, esgotasse a paciência divina e atingisse o limite de tolerância estabelecido por Aquêle perante quem todos deveremos comparecer em juízo (II Co 5:10; Ap 20:11-15).

Nesse sentido, tendo Jesus em vista os nossos dias, disse: "E êste evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a tôdas as gentes, e então virá o fim".. (Mt 24:14).

A infalível Palavra Profética não nos sugere, porém, que o mundo se converterá pela pregação. Ao contrário. Tornar-se-á cada vez mais errado. Na segunda vinda de Cristo, no fim do mundo, serão mui raros (Is 13:12) os mantenedores da verdadeira fé. Cristo mesmo o afirmou: "Quando porém vier o Filho do homem", disse Êle, "porventura achará fé na Terra?" (Lc 18:8). Cada descrente dá testemunho do cumprimento desta profecia.

Ao apóstolo Pedro, que também lançou um olhar profético aos nossos dias, foi igualmente dado contemplar a atual multiplicação da incredulidade, o escárnio lançado sôbre a mensagem da segunda vinda de Cristo, o fim trágico que êste mundo mau e pervertido terá, e o estabelecimento de uma nova ordem de coisas. Eis o que êle escreveu para nós que hoje vivemos:

"Nos últimos dias virão escarnecedores, andando segundo as suas próprias concupiscências, e dizendo: Onde está a promessa da Sua vinda? ...

"Êles voluntàriamente ignoram isto: que pela Palavra de Deus já desde a antiguidade existiram os céus, e a Terra, que foi tirada da água e no meio da água subsiste. Pelas quais coisas pereceu o mundo de então, coberto com as águas do dilúvio.

"Mas os céus e a terra que agora existem, pela mesma palavra se reservam como tesouro, e se guardam para o fogo, até o dia do juízo, e da perdição dos homens ímpios.

"Mas, amados, não ignoreis uma coisa: que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia.

"O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia, mas é longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se.

"Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a Terra, e as obras que nela há, se queimarão.

"Havendo pois de perecer tôdas estas coisas, que pessoas vos convém ser em santo trato, e piedade.

"Aguardando, e apressando-vos para a vinda do dia de Deus, em que os céus, em fogo se desfarão, e os elementos, ardendo, se fundirão?

"Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova Terra, em que habita a justiça". (II Pe 3:3-13).

ASPIRAÇÕES CATÓLICAS NOS EEUU

1ª Carta

Nós, católicos, elegemos nosso digno presidente pela mais elevada maioria jamais registrada na história. Bom seria que os milionários e outros exploradores dos pobres dessem atenção à advertência e guardassem os mandamentos de Deus. Doutra forma tôdas as suas riquezas lhes serão tiradas no interêsse do nosso povo. Digo que tôdas as instituições — sejam bancos, sociedades de crédito ou outras semelhantes — deverão ser dissolvidas e postas sob administração da nossa Hierarquia. Onde isso não acontecer, deverão ser finalmente aniquilados. Ouço os clamores de alguns: 'Fantasia de um covarde e doido — asilo!' Mas não vos esqueçais de que faz anos que venho orando por êste dia. Sou velho e creio que, pelos anos de serviço, sou o sacerdote mais antigo nos Estados Unidos. Estou acostumado a ouvir pessoas dizerem que estou confundido, demente e caduco. E também sei que dizem: 'Nós, americanos, nunca daremos apoio às opiniões dêstes ou daqueles'. Como sacerdote jovem, vim da ilha dos santos. Dou graças a Deus por ter vivido tanto tempo, podendo agora ver essa maravilhosa mudança nos Estados Unidos. Hoje estive na puritana cidade de Boston. Numa das colinas os puritanos, de nariz azul, dependuraram minha fotografia. Eu digo: 'Vós, puritanos, administrais Massachusetts; nós, católicos, administramos a América, e não temos o propósito de parar até que a América e os Americanos sejam genuìnamente católicos e assim permaneçam. Deus nos ajude!" — Padre Patrick Henry O'Brien.

2ª Carta

"Nós, a Hierarquia da Santa Igreja Católica Romana, esperamos que todos os filhos leais da igreja ajudem o presidente, com tôdas as suas fôrças, a levar os componentes do Supremo Tribunal dos EE UU a obedecer às determinações do presidente. E, se necessário, havemos de mudar, emendar ou anular a atual Constituição, a fim de que o presidente possa impor seu, ou, melhor, nosso programa humanitário, bem como todos os aspectos dos direitos humanos, estabelecidos pelos nossos santos Papas e pela Santa Igreja Mãe.

"Elegemos nosso presidente pela mais elevada maioria jamais registrada na história. Faremos com que nossas leis sejam promulgadas e impostas de acôrdo com a Santa Sé, o Papa e as leis canônicas do trono Papal. Tôda a nossa estrutura social deverá ser reconstruída nessa base. Nossas leis educacionais deverão ser formuladas visando um alvo: afastar desta boa terra o ateísmo, o perigo vermelho de todos os vociferantes ismos — o protestantismo, o comunismo, o socialismo e todos os outros da mesma laia.

"A cruz foi plantada nas nossas praias por católicos leais. Esta terra nos pertence por todos os direitos. De há muito tempo vimos fazendo compromissos em tôrno de cada questão importante. Agora exigimos o que realmente nos pertence, e vamos consegui-lo. Vamos apoiar nosso presidente, por todos os meios, para obtê-lo pacífica e honestamente, se possível. Se, porém, necessário, estamos prontos para lutar e morrer por isso.

"Queremos que os membros do Govêrno sejam filhos da Santa Igreja Mãe, investidos em cargos importantes em tôda a nossa estrutura governamental.

"Nós é que controlamos a América e não temos o propósito de parar até que a América e os americanos sejam genuìnamente Católicos Romanos e assim permaneçam. Deus nos ajude!" — Padre Patrick Henry O'Brien.

(Esta carta foi dirigida ao Rev. A. Di Domenica, ex-católico de Filadélfia, Penna., agora residente em 37 Campbell Ave., Havertown, Penna., e foi originalmente publicada no periódico "L'Aurora", pela Associação Batista Italiana da América).

O Que se Passa na ONU

"Para as Nações Unidas foram traçados planos segundo os quais essa Organização deverá deixar de existir. Seu lugar deverá ser tomado por um Tribunal Internacional que terá a função de administrar tôdas as propriedades, todos os pecúlios nos bancos, e todos os estabelecimentos de propriedade particular. Cada homem, cada mulher e cada criança receberá então um número e lhe caberá certa importância em dinheiro. O dinheiro, para êsse fim, já foi emitido, e só está à espera da ocasião em que deverá entrar em uso. Êsse dinheiro está hoje guardado nos bancos. Acontecerá que tôda pessoa terá que ocupar-se, ou com os negócios do Govêrno, ou no comércio, ou na indústria, ou na agricultura. A fim de que êsse plano possa ser executado, deverá haver perfeita união entre Igreja e Estado, e, bem assim, uma forma comum (universal) de culto. O dia estabelecido para êsse culto, para todos os povos e tôdas as nações, será o domingo. Quando as pessoas tiverem recebido seu número e cada qual terá o seu — êste lhes dará certos direitos para comprar e vender".

Um assistente perguntou o que aconteceria às minorias que se opusessem a êsse plano, e o orador respondeu:

"Seus números serão marcados, de maneira que não poderão comprar ou vender; irão ao encontro do extermínio".

(Traduzido da revista "Advent-Waechter", da União Alemã, N.º 3, de 1965).

O Cristianismo na China

A primeira vez que ficamos sabendo da existência de cristianismo na China, foi a noite do primeiro sábado da nossa estada ali... Na noite dêsse sábado especial perguntaram-nos se algum de nós gostaria de ir à igreja no dia seguinte.

"Que igreja?" perguntamos.

Parecia haver apenas duas possibilidades de escolha, onde quer que o domingo nos apanhasse: ou uma igreja protestante ou uma católica romana. Eu não fui ao culto católico, mas aquêles que, do nosso grupo, foram, disseram-me que o serviço religioso parecia ser exatamente o mesmo que se poderia esperar do outro lado do mundo. A única exceção era que todos os sacerdotes eram chineses.

Acredito que a mesma coisa se passa com o clero protestante. Não creio que tenha sobrado qualquer clérigo branco em qualquer parte da China. Quando, mais tarde, perguntei aos chineses, não me deram uma resposta direta...

No meu caso, o climax da minha acidental exploração da situação da igreja na China não consistiu em assistir a algum culto em particular, mas em passar uma longa e interessante tarde no Seminário Teológico da União de Nanking, onde visitei uns 85 estudantes vindos de tôdas as partes da China, a fim de estudarem para o ministério protestante...

O seminário tem um deão anglicano, um homem bem apessoado, chamado Rev. Ting Kuang-hsun, Bispo Anglicano de tôda a China, mas a sua escola não é absolutamente anglicana. Outras confissões estão ali representadas: a Presbiteriana, a Batista, a Metodista, a Luterana, a Pentecostal, a Apostólica e a Adventista do Sétimo Dia. Nós, canadenses, ficamos curiosos diante dessa aventura no terreno da cooperação, e perguntamos ao Bispo Ting como um só seminário podia servir tantas confissões diferentes.

"Não é tão difícil como talvez suponhais", disse-nos êle em seu inglês suave, com sotaque de Oxford. "Reconhecemos nossas diferenças e não as ignoramos. Mas também somos cuidadosos em não exagerá-las. Sabemos que todos nós estamos esforçando por servir, e minha convicção é que, enquanto pudermos todos permanecer suficientemente humildes, nenhuma das nossas diferenças nos excluirá das riquezas de Cristo".

Sem dúvida, em grande parte o motivo dessa cooperação incomum é que a igreja na China reconhece o fato de que ela agora se acha numa sociedade em que o maior de todos os pecados, pelo menos do ponto de vista do Govêrno, é o desperdício, e que, se o cristianismo continuasse na forma de concorrência tão comum antes da revolução, incorreria, quase certamente, no desfavor do Estado. A nova cooperação, em outras palavras, parece ser algo que o nôvo regime tenha indiretamente imposto ao cristianismo". — H. Gordon Green, agricultor canadense, em "The St. Catherines Standard" de 29 de maio de 1965.

Cuidados...

COM OS DENTES DA CRIANÇA

Na criança sadia, a erupção dos dentes começa entre seis a oito meses, para terminar mais ou menos aos dois anos de idade.

É preciso, então, levar a criança ao dentista. Nessa primeira visita, o dentista verifica se os dentes de leite, que já devem estar todos nos seus lugares, não têm pontos fracos no esmalte, descobre os dentes cariados existentes, obturando as cavidades. O tratamento da cárie logo no início, já vimos, não causa sofrimento algum. Isto é muito importante para a primeira impressão da criança. Se ela não sentir dor, no primeiro contacto com o dentista, fàcilmente voltará ao consultório, quando fôr necessário, e não ficará com a impressão de que tratar dos dentes significa sofrer.

As visitas ao dentista devem, pois, ter início quando a criança chega aos dois anos e meio de idade. Daí por diante, ela precisa ir ao dentista regularmente, duas vêzes por ano, pelo menos. As visitas periódicas permitem ao profissional verificar se os dentes estão nascendo normalmente, ou se estão sendo prejudicados por maus hábitos, como chupar o dedo, respirar pela bôca, etc. Se julgar necessário, colocará aparelhos especiais para corrigir tais defeitos.

A criança que se habituou desde os dois anos de idade a freqüentar o dentista apresenta quase sempre uma bela dentadura. Seu desenvolvimento é normal, porque a criança que tem bons dentes alimenta-se bem, dorme bem, é forte, alegre e feliz.

Não se descuide dos dentes de leite de seu filhinho. Leve-o ao dentista quando êle completar dois anos e meio e daí por diante, de seis em seis meses.

DAS PAUSAS NO TRABALHO

De modo geral, a necessidade de técnicos especializados para as diversas modalidades de ocupações trouxe consigo a monotonia do trabalho, principalmente entre os operários.

Regra geral, qualquer ocupação é agradável, de início, e o ideal seria fazer por que ela assim se mantivesse.

Várias causas, porém, prejudicam o bom andamento do trabalho, acabando por arrefecer o entusiasmo do trabalhador. Uma das mais importantes, queremos

crer, é a falta de distrações nos intervalos de serviço. Durante as oito horas de trabalho, o sistema nervoso e os músculos vão-se cansando progressivamente e, à medida que passa o tempo, o cansaço vai aumentando. Depois de algumas horas, as coisas naturalmente atingiram a tal ponto que a produção começa a cair, e, no fim do dia, não é de admirar que ela seja pràticamente nula.

Há uma solução para êsse aspecto do problema. As estatísticas demonstram que a boa vontade no trabalho e a produção de cada operário cresce, quando o serviço é interrompido por pequenos intervalos de descanso, os quais se sucedem com alguma freqüência, servindo para refeições ligeiras, distrações ou simples repouso. Foi dêsse modo que Ford conseguiu aumentar grandemente a produção de seus empregados.

Outras fábricas da América do Norte, igualmente, adotaram o costume de interromper o trabalho pela manhã e à tarde, pelo espaço de dez minutos, durante os quais cessa por completo o ruído da maquinaria.

O que se observa com relação às fábricas e às grandes massas de trabalhadores repete-se com o indivíduo, em particular. Lembremos que foi com processos tais que os grandes homens conseguiram produzir da maneira assombrosa como fizeram, durante anos a fio. Caso contrário, muito provàvelmente êles não se teriam tornado dignos do respeito e da admiração de todo o mundo.

Produza mais e evite a fadiga excessiva, intercalando, entre suas horas de trabalho, pequenos intervalos para repouso.

UMA PLANTA CURIOSA

Entre as plantas carnívoras existe, nos EE UU, uma que se chama *rat catcher plant* (planta pega-rato).

É um cântaro, ou jarro, vegetal, cheio de um líquido, estupefaciente.

Quando um bichinho — uma barata, um pássaro ou um rato — se chega a essa planta, para dessedentar-se nesse líquido, experimenta cinco efeitos:

1. A pobre vítima sofre um entorpecimento.

2. A bôca do cântaro se fecha em tôrno do pescoço do animalzinho, sufocando-o.

3. Dois espinhos penetram no pescoço do prisioneiro sacrificado, de maneira que êle não mais consegue libertar-se, ainda que se recupere do efeito das gôtas narcóticas.

4. A pouco e pouco êle é puxado inteiramente para dentro do cântaro.

5. Uma vez dentro, êle é devorado, absorvido, pela planta assassina.

Êsse curioso fato da Natureza encerra uma parábola muda: Assim como o cântaro com seu líquido captura os desprecavidos bichinhos, o mundo com suas tentações captura os incautos jovens. Duas espécies de armadilhas, duas espécies de vítimas.

PEDIDO

O irmão José Laerte Barbosa emprestou seu "Profetas e Reis". Acontece que ainda não o recebeu de volta e não se lembra quem o tomou emprestado. Pede a essa pessoa a fineza de enviar seu livro para nosso endereço. Agradece.

NOSSA OITAVA IGREJA

SAIRÁ NO PRÓXIMO NÚMERO

Cantinho das Crianças

Léa T. da Silva

«Pedi e Recebereis»

Havia em certa cidade um casal muito pobre, que tinha uma filhinha de 4 anos. Êles lutavam com muitas dificuldades.

Certo dia essa menina chegou a seu pai e lhe disse: "Paizinho, o senhor precisa comprar meu sapatinho para irmos à igreja amanhã". O Pai, um tanto comovido diante do pedido da filha, lhe disse: "Filhinha, não tenho dinheiro para comprar seu sapatinho, para amanhã, pois o dinheiro que temos só dá para comprarmos mantimento para nosso sustento".

A menina se retirou triste, porém se lembrou de que, se orasse ao Papai do Céu, Êle poderia atendê-la, pois, na igreja, ela havia aprendido que, quando a gente ora ao Papai do Céu, Êle atende. Entrou no quarto e orou: "Papai do Céu, preciso ir à igreja, mas não tenho sapatinho, e para ir descalça tenho vergonha. Papai do Céu, dê-me um sapatinho para eu ir à igreja".

Enquanto a menina orava, sua mãe, que a havia visto, chamou o espôso e muito se admiraram ao verem que uma criança tão pequena confiava tanto em Deus.

A menina saiu dali alegre e foi brincar, quando uma vizinha chamou-a, dizendo: "Mariazinha, comprei um sapatinho para minha filha, porém não serviu para ela, e, como você é menor, deve servir-lhe bem. Quer ficar com êle? O sapatinho está novinho, pois ela nem chegou a usá-lo".

Antes que a menina dissesse que queria o sapato, falou à mãe: "Viu, mamãe, como Papai do Céu ouviu minha oração? pois pedi a Êle que me desse um sapatinho para eu ir à igreja amanhã, e já o ganhei da bondosa vizinha".

A vizinha, narrando essa experiência a uma conhecida sua, que era muito rica, mandou comprar o mais belo sapato que achou e levou para a menina, que exclamou: "Que Papai do Céu bonzinho; eu peço um par de sapatos e êle me manda dois".

Crianças, Deus atende nossas orações, por mais humildes que sejam, contanto que "sejam para o nosso bem".